



## POTENCIAIS QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS DE CADEIAS ALIMENTARES CURTAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Deise de Oliveira Alves<sup>1</sup>  
Adeildo de Quadros Moura<sup>2</sup>  
Leticia de Oliveira<sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo tem como objetivo conhecer os fatores potenciais que estimulam o desenvolvimento de práticas de cadeias alimentares curtas. Para atingir tal objetivo, foi empregado o método de revisão sistemática, tendo como elemento de análise a literatura internacional indexados nas plataformas *Scopus e Web of Science*, sendo selecionados os documentos cujos conteúdos estão diretamente relacionados ao tema. Desta forma, identificou-se que os elementos que potencializam o possível desenvolvimento de cadeias alimentares curtas estão alicerçados em temáticas voltadas para o produtor, o consumidor, as questões ambientais e aos mercados de venda direta. Conclui-se que as cadeias alimentares curtas como sistemas de comercialização de produtos agrícolas, buscam a aproximação entre produtores e consumidores, diante da construção mútua das relações de confiança, desenvolvimento local e espacial, reduzindo a falta de informações sobre a compra de alimentos, criando vínculos sociais mais fortes dentro da comunidade e aumentando a interação entre ambos.

**Palavras-chave:** Produtor. Consumidor. Proximidade. Cadeias alimentares curtas.

## POTENTIAL THAT INFLUENCE THE DEVELOPMENT OF SHORT AGRO-IMMEDIATE CHAIN PRACTICES: A LITERATURE REVIEW

### ABSTRACT

The article aims to know the potential factors that stimulate the development of short chain food practices. In order to reach this objective, the systematic review method was used, having as an element of analysis the international literature indexed in the Scopus and Web of Science platforms, being selected the documents whose contents are directly related to the theme. In this way, it has been identified that the elements that potentiate the possible development of short food chains are based on topics focused on the producer, consumer, environmental issues and direct sale markets. It is concluded that short food chains as systems

<sup>1</sup>Mestranda em Agronegócios-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduação em Administração- Universidade Federal de Santa Maria. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: [deiseoliveiraalves@hotmail.com](mailto:deiseoliveiraalves@hotmail.com)

<sup>2</sup>Mestrando em Segurança Cidadã-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduação em Direito- Universidade Luterana do Brasil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: [admou33@gmail.com](mailto:admou33@gmail.com)

<sup>3</sup>Doutora em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Graduada em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: [leticia.oliveira@ufrgs.br](mailto:leticia.oliveira@ufrgs.br)

for the commercialization of agricultural products seek to bring producers and consumers closer together in the mutual construction of relations of trust, local and spatial development, reducing the lack of information about food purchases, creating stronger social ties within the community and increasing the interaction between the two.

**Keywords:** Producer. Consumer. Proximity. Short food chains.

## 1 INTRODUÇÃO

Na medida que cresce a produção de alimentos processados, aumenta a preocupação por parte dos consumidores com a origem e a forma como esses alimentos são processados. Embora a produção e o consumo destes ainda dominem o mercado, tanto nos países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento, há uma tendência crescente na procura por alimentos mais saudáveis e de qualidade diferenciada por parte dos consumidores (SCHNEIDER; FERRARI, 2015).

Nessa nova dinâmica de mercado, em que os critérios de qualidade dos alimentos são socialmente construídos, surgem as redes alimentares alternativas, que constituem sistemas de produção e comercialização fundamentados na localização geográfica (proximidade entre produtor e consumidor) e em questões éticas (saúde humana, sustentabilidade, bem estar animal, etc.).

As redes alimentares alternativas são diversificadas e privilegiam as cadeias alimentares curtas, cuja característica central está relacionada à redução da distância da extensão e do percurso entre os produtores primários e os destinatários finais dos alimentos (CASSOL; SCHNEIDER, 2015). Parte das cadeias alimentares curtas é construída a partir da comunicação direta entre o produtor dos alimentos e o consumidor final, permitindo o desenvolvimento de novas formas de relacionamento (BERTI; MULLIGAN, 2016).

Este tipo de cadeia permite que os consumidores compreendam como e onde os alimentos são produzidos, possibilitando a formação de um vínculo mais forte de confiança entre produtores e consumidores (AGGESTAM; FLEI; POSCH, 2017). Diante da importância e relevância da temática, este artigo tem como objetivo conhecer os fatores potenciais que estimulam o desenvolvimento de práticas de cadeias alimentares curtas. Para atingir tal objetivo, será empregado o método de revisão sistemática, tendo como elemento de análise a literatura internacional.

O artigo está estruturado em cinco partes. A primeira é a introdução, seguida de um item que trata dos conceitos, características e tipos de cadeias alimentares curtas. Na terceira parte procedem-se os procedimentos metodológicos. Na quarta parte é abordada a análise e interpretação dos resultados. Na parte final tecemos considerações acerca dos fatores que promovem o sucesso das cadeias alimentares curtas.

## 2 CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E TIPOS DE CADEIAS ALIMENTARES CURTAS

As redes alimentares alternativas surgiram a partir do movimento “*quality turn*”, que consiste na busca pela valorização de produtos alimentares de qualidade diferenciada por parte dos consumidores (SCHNEIDER; FERRARI, 2015). O termo “*quality turn*” é uma expressão do papel cada vez mais ativo dos consumidores na elaboração de políticas de qualidade alimentar e também na construção das relações entre produtor e consumidor (EMBRAPA, 2016).

Nessa nova dinâmica de mercado, em que os critérios de qualidade dos alimentos são socialmente construídos, apareceram novos formatos de cadeias de abastecimento, como as cadeias alimentares curtas, que são formas de comercialização agrícola que assegura a interação dos pequenos produtores com os consumidores, possibilitando relações de confiança entre as partes (FRANZONI; SILVA, 2016).

O termo “curto” não está associado à distância física que o alimento percorre, mas sim ao atributo do produto ao chegar até o consumidor, conservando suas informações através de uma identidade própria ou da comunicação pessoal com quem o produz (EMBRAPA, 2016). De acordo com Marsden, Banks e Bristow (2000) as cadeias de abastecimento alimentar são construídas, adaptadas e reproduzidas ao longo do tempo e do espaço, por três tipos que são: face a face, proximidade espacial e espacialmente estendida.

Face a face: consumidor compra um produto direto do produtor/ transformador em uma base face a face, autenticidade e confiança podem ser os resultados encontrados entre essa interação pessoal (MARSDEN; BANKS; BRISTOW, 2000). As cadeias ‘face a face’ podem ser definidas como as vendas diretas do produtor ao consumidor através de feiras, vendas em domicílio, casas coloniais e rotas de turismo.

Proximidade espacial: os produtos são produzidos e distribuídos na região (ou local) de produção, e os consumidores tem conhecimento da natureza 'local' do produto no ponto de varejo (MARSDEN; BANKS; BRISTOW, 2000). O comércio nessa abordagem se faz por meio de vendas a varejistas locais, restaurantes, vendas institucionais através da merenda escolar, mercados regionais, casas coloniais e eventos nos municípios (SCARABELOT; SCHNEIDER, 2012).

Espacialmente estendida: onde o valor e significado são carregados de informações sobre o local de produção e aqueles que produzem a comida é traduzido para os consumidores que estão fora da região de produção em si, e que pode não ter experiência pessoal daquela região (MARSDEN; BANKS; BRISTOW, 2000). São os produtos certificados, em geral orgânicos e redes em processo de expansão. O Quadro 1 apresenta uma síntese das diferentes estruturas de comercialização dos três tipos de cadeias curtas mencionados.

Quadro 1 – Diferentes estruturas de comercialização

Face a face	Proximidade espacial	Espacialmente estendida
Lojas de produtos da agropecuária	Grupos de loja de produtos da agropecuária	Etiquetas de certificação
Mercados de agricultores	Marcas regionais	Códigos de produção
Vendas de beira de estrada	Cooperativas de consumo	Efeitos de reputação
Escolha do próprio produto	Comunidades de apoio à agricultura	
Entregas em domicílio	Rotas temáticas (articulação no espaço)	
Encomenda postal	Eventos especiais, feiras (articulação no tempo)	
Comércio eletrônico (e-commerce)	Lojas, restaurantes, empresas turísticas.	
	Varejistas dedicados	
	Cantinas de escolas e instituições	
	Vendas para emigrantes	

Fonte: Duarte e Tomhé (2015) adaptado de Renting, Marsden e Banks (2003).

A principal abordagem das cadeias curtas de comercialização está na forma como o produto chega até o consumidor, possuindo informação, que permite ao consumidor fazer conexões e associações com o lugar / espaço de produção, e, potencialmente, os valores das pessoas envolvidas e os métodos de produção utilizados (MARSDEN; BANKS; BRISTOW, 2000). Isso significa que o produto chega até o consumidor com um grau expressivo de informações e carregado de valor sobre seu processo de produção, a qualidade passa ser o fator principal nesse processo, crescendo a necessidade de se construir a relação de confiança entre produtor e consumidor (SCARABELOT; SCHNEIDER, 2012).

Em outras palavras, as cadeias alimentares curtas facilitam a formação de confiança entre produtores e consumidores, removendo parceiros intermediários e permitindo relacionamentos diretos (AGGESTAM; FLE; POSCH, 2017). As características da cadeia curta estão relacionadas ao desenvolvimento e, principalmente, à ligação reconstruída entre o produtor e o consumidor. Em termos de desenvolvimento, as cadeias curtas tendem a ser um estímulo às economias locais e aumentam a autonomia dos produtores (AGUIAR; DELGROSSI; THOMÉ, 2018).

Essa proximidade e conexão envolve traduzir e transmitir criticamente algumas facetas das práticas produtivas para os varejistas e consumidores, criando uma forte relação com a tradição do alimento específico ou com o contexto de sua produção, sendo um diferencial para a comercialização do produto, à luz das circunstâncias atuais que a agricultura experimenta (AGUIAR; DELGROSSI; THOMÉ, 2018). Não necessariamente as cadeias alimentares curtas estariam relacionadas ao tempo e à distância percorridas, mas ao fato de o produto chegar ao consumidor envolto de informação, dando-lhe condições de fazer conexões e associações com um mínimo de dados sobre o lugar e o espaço onde foram produzidos, os valores e pessoas envolvidas e os métodos empregados (TRICHES; SCHNEIDER, 2015).

Do ponto de vista do produtor, as cadeias curtas permitem que maior parte do valor agregado na produção seja armazenada, aumentando a renda do produtor e abrindo maior

espaço para sua inclusão no mercado. Já para o consumidor, as cadeias curtas significam maior confiabilidade em relação a diversos atributos de qualidade do produto. Por meio da aproximação com o produtor, o consumidor tem acesso a informações de origem do produto, modo de produção e segurança alimentar. Sob a perspectiva da comunidade, as cadeias curtas têm um papel de motivar o desenvolvimento socioeconômico por meio da geração de empregos e da maior retenção e circulação do capital da região produtora (DUARTE; THOMÉ, 2015).

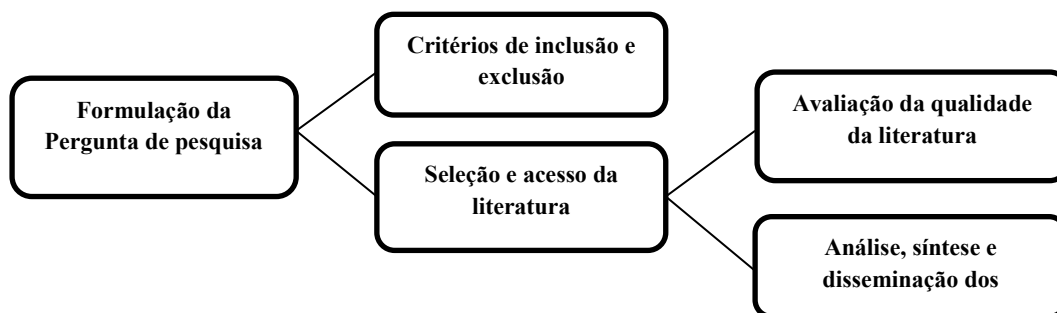
Para Darolt et al. (2016) as cadeias curtas tornam-se mais viáveis e fortalecem as redes alimentares alternativas quando associados com as características da produção ecológica (pequenas áreas, mão de obra familiar, produção diversificada, autonomia dos agricultores, ligação com o consumidor, preservação da biodiversidade, valorização da paisagem, qualidade alimentar e produto saudável. Neste contexto, as características como a localidade, transparência e a qualidade melhor descrevem os produtos e induzem uma reconexão com o consumidor, à medida que este último se torna mais consciente da origem desses produtos, essa reconexão é efetuada através da proximidade observada, ou seja, em feiras, vendas diretas e outros sites que possibilitam ao consumidor entender de onde os produtos são originados (AGUIAR; DELGROSSI; THOMÉ, 2018).

Portanto, a construção de cadeias alimentares curtas favorece tanto os próprios agricultores como toda a sociedade, por possibilitar o acesso a alimentos saudáveis e de qualidade para a população, garantindo a segurança alimentar. Além disso, oportuniza a venda direta de alimentos produzidos pelos agricultores do município ou região, fortalecendo e movimentando a economia local.

### **3 METODOLOGIA**

Para atingir o objetivo deste artigo, isto é, conhecer os fatores potenciais que estimulam o desenvolvimento de práticas de cadeias alimentares curtas, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, com dados secundários e utilizando o método qualitativo com análise interpretativa. A revisão sistemática de acordo com Cronin, Ryan e Coughlan (2008) deve apresentar os seguintes critérios: formular a pergunta de pesquisa; definir critérios de inclusão ou exclusão; selecionar e acessar a literatura; avaliar a qualidade da literatura incluída na avaliação; e, analisar, sintetizar e divulgar os resultados. Dessa forma, a seguir são apresentados os critérios aplicados nesta pesquisa. Estas etapas estão apresentadas na Figura 1.

Figura 1 – Planejamento das etapas do processo de análise sistemática



Fonte: Adaptado pelos autores (2018)

**Formulação da pergunta de pesquisa:** Quais fatores potenciais que influenciam o desenvolvimento das práticas de cadeias alimentares curtas? Critérios para formulação da pergunta: atualidade e relevância do tema.

**Critérios de inclusão e exclusão:** os critérios incluem palavras-chave, publicações em bases de dados na *Scopus* e *Web of Science*. Não foi feita delimitação do período de publicação por se tratar de tema emergente e com poucas publicações. Os seguintes termos em língua inglesa foram utilizados em para a pesquisa: "short food supply chain" e agr\*. Delimitação para publicações em forma de artigos.

**Seleção e acesso da literatura:** os resultados gerais da busca retornaram em 40 artigos na base de dados *Scopus* e 25 artigos na base de dados *Web Of Science*, que totalizaram 65 artigos. Sendo que, destes 20 encontravam-se em ambas as bases de dados. Desse modo, foi encontrado o total de 45 artigos com diversas abordagens do tema sobre as cadeias alimentares curtas.

**Avaliação da qualidade da literatura:** foi realizada a leitura na íntegra dos 45 artigos e selecionados apenas os artigos que apresentavam os fatores potenciais das cadeias alimentares curtas. Após esta análise, resultou em 25 artigos selecionados.

**Análise, síntese e disseminação dos resultados:** por fim, identificados fatores potenciais que influenciam o desenvolvimento das práticas de cadeias alimentares curtas, esta etapa culminou na seção seguinte de apresentação dos resultados.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Buscando atingir o objetivo proposto, os 25 artigos encontrados foram lidos e seus pontos principais descritos em forma de quadros e de gráficos. O Quadro 2 apresenta todos os artigos em ordem decrescente, com o título do artigo, autores, fonte (periódico) e ano de publicação.

Quadro 2 – Descrição dos artigos encontrados sobre cadeias alimentares curtas

Quantidade	Artigo	Autor	Revista	Ano
1	The dynamics of short food supply chain: The case of the campanha amiga project in Italy	Dos Anjos, F.S., Caldas, N.V.	Sociedade e Estado 32(3), pp. 771-789	2017
2	Short Food Supply Chains, Long Working Days: Active Work and the Construction of Professional Satisfaction in French Diversified Organic Market Gardening	Dupré, L., Lamine, C., Marrete, M.	Sociologia Ruralis 57(3), pp. 396-414	2017
3	Can social networks contribute to the development of short supply chains in the Spanish agri-food sector?	Elghannam, A., Escribano, M., Mesias, F.	New Medit 16(1), pp. 36-42	2017
4	New approaches to sustainable rural development: Social farming as an opportunity in Europe?	Tulla, A.F., Vera, A., Valldeperas, N., Guirado, C.	Human Geographies 11(1), pp. 25-40	2017
5	Farmers' motivation and perceived effects of participating in short food supply chains: Evidence from a North Italian survey	Demartini, E., Gaviglio, A., Pirani, A.	Agricultural Economics (Czech Republic) 63(5), pp. 204-216	2017
6	Scaling-up short food supply chains? A survey study on the drivers behind the intention of food producers	Aggestam, V.; Fleiss, E.; Posch, A.	Journal of Rural Studies (51), pp. 64-72	2017
7	From short food supply chains to sustainable agriculture in urban food systems: Food democracy as a vector of transition	Yuna, C., Sarah, M.-A., Arielle, C.	Agriculture (Switzerland) 6(4), 57	2016
8	The contributions of short food supply chains to territorial development: A study of three Quebec territories	Mundler, P., Laughrea, S.	Journal of Rural Studies 45, pp. 218-229	2016
9	Is the choice of a farm's commercial market an indicator of agricultural intensity? Conventional and short food supply chains in periurban farming systems	Filippini, R., Marraccini, E., Lardon, S., Bonari, E.	Italian Journal of Agronomy 11(1)	2016
10	Current status and future prospect of local food production in Hungary: a spatial analysis	Benedek, Z., Balázs, B.	European Planning Studies 24(3), pp. 607-624	2016
11	Innovations in ways to provide food for towns: How newcomers in the supermarket sector are innovating in short food supply chain practices? (O'Tera in Nord-Pas-de-Calais, Northern France)	Rouget, N., Lescureux, F., Letniowska-Swiat, S., (...), Heude, J., Pfirsch, T.	Annales de Geographie 2016(712), pp. 642-665	2016

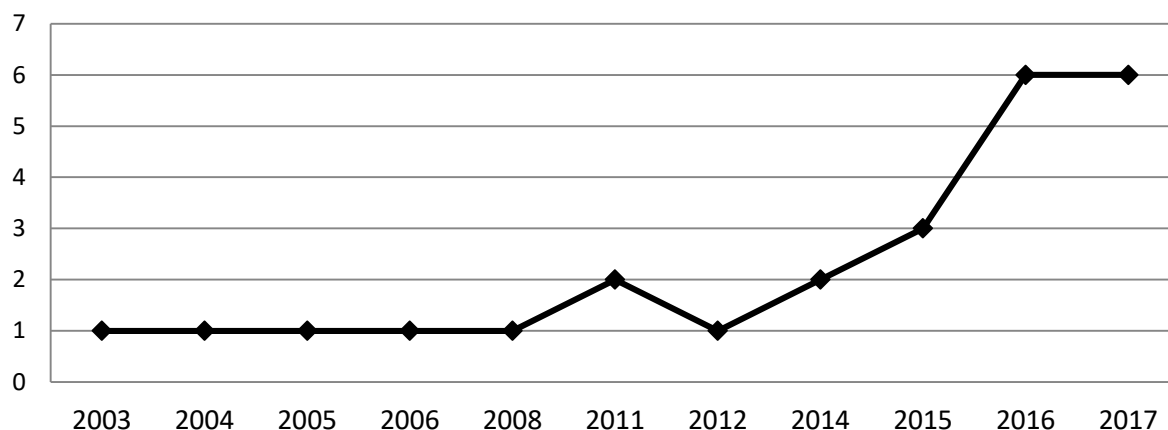
12	Alternative food chains as a way to embed mountain agriculture in the urban market: the case of Trentino	Blasi, E., Cicatiello, C., Pancino, B., Franco, S.	Agricultural and Food Economics 3(1),3	2015
13	The hidden benefits of short food supply chains: Farmers' markets density and body mass index in Italy	Bimbo, F., Bonanno, A., Nardone, G., Viscecchia, R.	International Food and Agribusiness Management Review 18(1), pp. 1-16	2015
14	Exploring the role of farmers in short food supply chains: The case of Italy	Mastronardi, L., Marino, D., Cavallo, A., Giannelli, A.	International Food and Agribusiness Management Review 18(2), pp. 109-130	2015
15	Role of alternative food networks in Sicilian farms	Tudisca, S., Di Trapani, A.M., Sgroi, F., Testa, R., Giamporcaro, G.	International Journal of Entrepreneurship and Small Business 22(1), pp. 50-63	2014
16	Territorial foresight in the frame of social and solidarity projects: Analysis of the emergence of AMAP (french CSA) inside the rural living-basins in France	Raynal, J.-C., Razafimahefa, L.	Territoire en Mouvement (22), pp. 21-39	2014
17	EU agri-innovation policy: Two contending visions of the bio-economy	Levidow, L., Birch, K., Papaioannou, T.	Critical Policy Studies 6(1), pp. 40-65	2012
18	Food relocalization for environmental sustainability in Cumbria	Levidow, L., Psarikidou, K.	Sustainability 3(4), pp. 692-719	2011
19	What is the extent of short food supply chains in greece? Evidence from the cheese supply chains in the North Aegean Region	Kizos, T., Vakoufaris, H.	International Journal of Agricultural Resources, Governance and Ecology 9(1-2), pp. 48-67	2011
20	Value in the values: Pasture-raised livestock products offer opportunities for reconnecting producers and consumers	Conner, D.S., Campbell-arvai, V., Hamm, M.W.	Renewable Agriculture and Food Systems 23(1), pp. 62-69	2008
21	How civic is it? Success stories in locally focused agriculture in Maine	Ross, N.J.	Renewable Agriculture and Food Systems 21(2), pp. 114-123	2006
22	Resisting global, buying local: Goldschmidt revisited	Belliveau, S.	Great Lakes Geographer 12(1), pp. 44-53	2005
23	Resisting global, buying local: Goldschmidt revisited	Belliveau, S.	Great Lakes Geographer 12(1), pp. 44-53	2005
24	Forecasting food supply chain developments in lagging rural regions: Evidence from the UK	Ilbery, B., Maye, D., Kneafsey, M., Jenkins, T.	Journal of Rural Studies 20(3), pp. 331-344	2004
25	Understanding alternative food networks: Exploring the role of short food supply chains in rural development	Renting, H., Marsden, T.K., Banks, J.	Environment and Planning A 35(3), pp. 393-411	2003

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Conforme a Figura 2, as publicações sobre cadeias alimentares curtas ocorreram a partir do ano de 2003.



Figura 2 – Número de artigos publicados

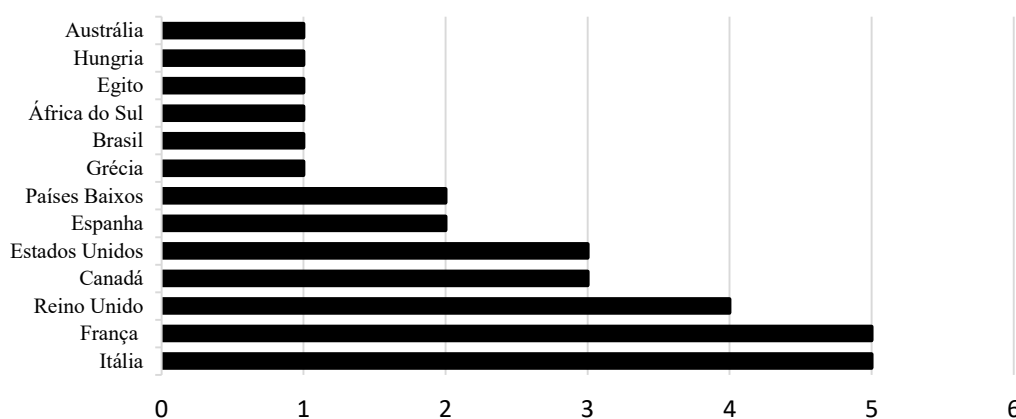


Fonte: Elaborado pela autora (2018)

As publicações iniciam-se em 2003 com o artigo “*Understanding alternative food networks: Exploring the role of short food supply chains in rural development*”, este artigo aborda, a importância do modo de produção sustentável das cadeias alimentares curtas, sendo um forte aliado no futuro desenvolvimento da agricultura europeia. As publicações estudadas são até o ano de 2017 com destaque para o crescimento surgido a partir de 2014 e maior concentração ainda foi no ano de 2016 e 2017 quando as publicações pulam de 3 para 6.

Além disso, foram identificados os países com maior número de publicações sobre as cadeias alimentares curtas, conforme mostra a Figura 3.

Figura 3 – Principais países que publicaram sobre cadeias alimentares curtas

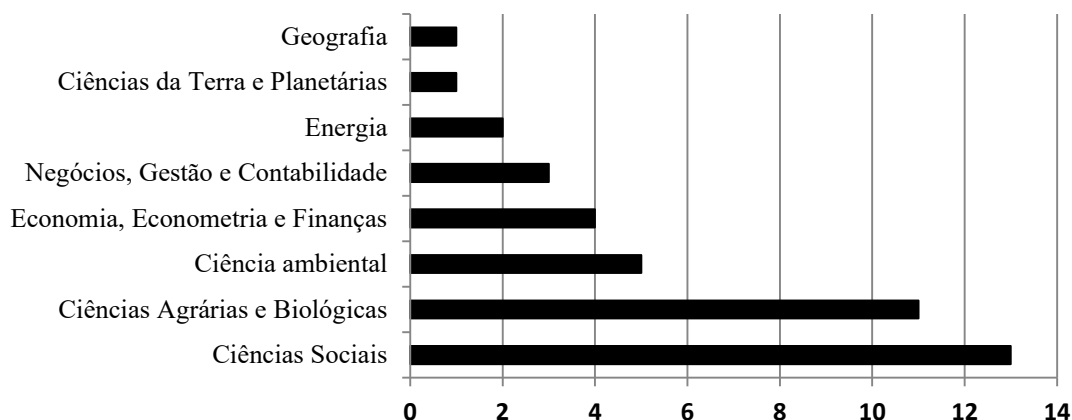


Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

O país com maior número de publicações é a Itália e França, ambos com 5 estudos, seguido do Reino Unido com 4 estudos, Canadá e Estados Unidos ambos com 3 estudos e por fim, Espanha e Países Baixos com 2 publicações.

Após identificar os países com maior número de publicações, observam-se na Figura 4, que os estudos sobre a agricultura urbana e o planejamento abrangem diversas áreas do conhecimento.

Figura 4 – Principais Áreas de pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

A área de Ciências Sociais apresentou 13 estudos, seguida da área de Ciências Agrícolas e Biológicas com 11 estudos, Ciências Ambientais com 5 estudos, Economia, Econometria e Finanças com 4 estudos, Negócios, Gestão e Contabilidade com 3 estudos, Energia com 2 estudos e por fim, Ciências da Terra e Planetários e Geografia ambas com 1 estudo cada.

A sobreposição de artigos em diferentes áreas do conhecimento torna-se evidente a interdisciplinaridade nos estudos relacionados às cadeias alimentares curtas. A interdisciplinaridade é o encontro de diferentes disciplinas, seja no ponto de vista pedagógica ou epistemológica, para a construção de um novo saber (BISPO; TAVARES; TOMAZ, 2013).

As novas fronteiras com que a ciência se depara indicam que o conhecimento específico sozinho não é suficiente para entender a complexidade dos fenômenos estudados, e, dessa maneira, a interdisciplinaridade surge como uma possibilidade para essa nova forma de investigar fenômenos (HOFF et al., 2007).

Os tipos de documentos dentre as 25 publicações indicaram que 24 estudos são artigos publicados em periódicos e 1 revisão. A língua que prevaleceu nos estudos analisados foi o inglês com 22 estudos, seguido de francês com 2 estudos e português com 1 estudo.

#### 4.1 SÍNTESES DOS ARTIGOS

Nesta seção é apresentada a síntese das temáticas encontradas nos 25 artigos, os fatores potenciais que influenciam o desenvolvimento das práticas de cadeias alimentares curtas. No estudo de Anjos e Caldas (2017) o principal fator que influenciam o desenvolvimento das práticas de cadeias alimentares curtas está na reconstrução das relações entre produtores e consumidores através de um processo de aproximação que se desenvolve dentro dos mercados de venda direta de produtos alimentares. A proximidade entre o produtor e o consumidor também é vista por Benedek e Balázs (2016) como fator de sucesso para o desenvolvimento das cadeias alimentares curtas.

A proximidade proporciona aos produtores satisfação profissional, principalmente quando a cadeia envolve a integração de diferentes elementos, incluindo o apoio social (DUPRÉ; LAMINE; NAVARRETE, 2017). O apoio social gera satisfação ao produtor, permitido retorno financeiro, criação de empregos, práticas ambientalmente sustentáveis e a implementação de atividades educacionais na propriedade (FILIPPINI et al., 2016). Para Mundler e Laughrea (2016) as atividades educacionais nas propriedades auxiliam na capacitação dos produtores e no desenvolvimento de habilidades profissionais inovadoras.

Os fatores econômicos são aliados fundamentais para os produtores, Benedek e Balázs (2016) atribuem os fatores econômicos (maiores renda e lucro) como algum dos benefícios das cadeias alimentares curtas. Este fator também é percebido por Tudisca et al. (2014), pois suas alternativas de vendas proporcionam renda satisfatória em termos de lucro.

Para Raynal e Razafimahefa (2014) o número crescente de agricultores vê as cadeias alimentares curtas como uma possível alternativa aos canais tradicionais de comercialização, a oportunidade de mudar seus métodos de produção e uma maneira de estabelecer novas relações com os consumidores. No entanto, Aggestam, Fleiss e Posch (2017) argumentam que as cadeias alimentares curtas exigem conjuntos de habilidades empresariais inovadoras que permitam que suas marcas se distingam dos produtos convencionais encontrados no mercado convencional.

Para os consumidores, as relações interpessoais proporcionadas pelas cadeias alimentares curtas são fonte de novos conhecimentos que permitem aos atores com pouca ou nenhuma consciência de questões agrícolas e / ou sustentáveis, pensar e agir de forma diferente (YUNA; SARAH; ARIELLE, 2016). Na visão de Raynal e Razafimahefa (2014) os consumidores encontram nas cadeias alimentares curtas o desejo de ter uma dieta saudável e de qualidade, produzida sob condições socialmente responsáveis garantidas pela relação direta com o produtor.

O efeito das cadeias alimentares curtas para a saúde dos consumidores é visto nos estudos de Bimbo et al. (2015) ao identificarem que em locais com práticas de cadeias alimentares curtas o índice de massa corporal (IMC) em pessoas adultas é mais baixo em relação a locais que não tem práticas de venda direta. Mastronardi et al. (2015) ressaltam que as cadeias alimentares curtas trazem benefícios a alimentação, a nutrição, a renda ao meio ambiente e as relações sociais.

Tulla et al. (2017) afirmam que as cadeias alimentares curtas através da produção e processamento de produtos agrícolas, trazem para sociedade benefícios sociais diretos como emprego, treinamento e terapia ou reabilitação de grupos em risco de exclusão social, capacitação de grupos vulneráveis, desenvolvimento local em ambientes rurais e periurbanas e um equilíbrio equitativo entre receitas e custos para a sociedade.

Para Belliveau (2005) os consumidores escolhem comprar comida local para apoiar pequenos agricultores e preservar o idílio rural, e reduzir os danos à saúde e riscos ambientais, o preço baixo foi o melhor determinante na escolha do consumidor para a compra, e a renda foi uma principal motivação para os produtores.

As cadeias alimentares curtas são vistas nos estudos de Levidow, Birch e Papaioannou (2012) como um fator promotor de práticas da agricultura sustentável. Além de contribuir diretamente para o desenvolvimento de áreas de produção delimitadas (KIZOS; VAKOUFARIS, 2011). Nos estudos de Conner, Campbell-arvai e Hamm (2008) são ressaltados a importância das cadeias curtas para benefícios ambientais e para a saúde do consumidor.

O mercado de vendas diretas foi assunto no estudo de Demartini, Gaviglio e Pirani (2017) ao enfatizarem que a proximidade acesso ao mercado, expectativas do empreendimento, valor de retorno econômico e a capacidade de recuperar o poder de mercado frente produção convencional. As cadeias alimentares curtas possuem oportunidades de ser menos dependente de circuitos controlados por atacadistas e compradores centrais (ROUGET et al., 2016). Ibery et al. (2004) identificaram que as cadeias alimentares curtas melhoram a rastreabilidade, bem como a integração com outros fornecedores de serviços alimentares e não alimentares (por exemplo, turismo patrimonial).

Diferentemente de Elghannam, Escribano e Mesias (2017) que estudaram o uso de mídias sociais pelos produtores de cadeias alimentares curtas, afim de, promover e vender seus produtos de forma rápida, econômica e direta. Além disso, as redes sociais podem contribuir para reduzir margens de mercado, aumentando as vendas diretas, facilitam a identificação do perfil dos clientes, suas preferências e a maneira como eles percebem determinados produtos.

Berti e Mulligan (2016) dissertam que as cadeias alimentares curtas tem o potencial de atender a crescente demanda de alimentos de origem local de indivíduos e famílias e alcançar consumidores por atacado, adquirindo algumas das eficiências econômicas e logísticas da cadeia de suprimentos do sistema alimentar convencional enquanto ainda retém prioridades ambientais, manutenção das identidades dos agricultores e conexões aos consumidores, viabilidade para pequenas e médias fazendas familiares e maior distribuição de poder e valor econômico entre todos os atores envolvidos.

Renting, Marsden e Banks (2003) ressaltam que a proximidade proporcionada pelas cadeias alimentares curtas é capaz de desempenhar um papel duradouro e significativo no processo agrária baseada desenvolvimento rural, sendo importante identificar e analisar a evolução de seu desenvolvimento e considerar seu impacto a longo prazo e potenciais futuros.

Ross (2006) identificou que a agricultura local através da proximidade entre produtor e consumidor proporciona produtos de alta qualidade adaptados a desejos e necessidades dos clientes, visão e planejamento de forma flexível e adaptável, e relacionamentos pessoais com

clientes que promovem a educação mútua contínua e fornecem feedback de marketing aos agricultores. Os estudos de Blasi et al., (2015) também evidenciam que a proximidade proporciona benefícios em termos de qualidade percebida do produto.

Levidow e Psarikidou (2011) identificaram que as contribuições ambientais das cadeias alimentares curtas estão na redução dos custos de transporte, bem como na redução da dependência de importação de alimento. Isso resulta na revitalização do conhecimento local e marca regional, apoio mútuo e interdependências, produtor cooperação, maior proximidade social aos consumidores, apoio à agricultura local e uma economia apoiando empresas locais e expandindo as vendas diretas e estabelecendo novos intermediários para maiores mercados.

## 5 CONCLUSÃO

As redes alimentares alternativas surgiram em resposta à preocupação dos consumidores com relação às práticas produtivas que envolvem questões ambientais, saúde e segurança alimentar, principalmente, pela desconfiança em relação à qualidade dos alimentos advindos da agricultura convencional. Neste sentido, a reconfiguração das redes alimentares tornou-se necessária e emergente para novas práticas de desenvolvimento rural. As cadeias alimentares curtas tornam-se, portanto, um método importante de redes alimentares alternativas para a criação de novos vínculos entre a agricultura, produtor e consumidor.

As cadeias alimentares curtas como sistemas de comercialização de produtos agrícolas, buscam a aproximação entre produtores e consumidores, diante da construção mútua das relações de confiança, desenvolvimento local e espacial. Esta proximidade reduz a falta de informações sobre a compra de alimentos, cria vínculos sociais mais fortes dentro da comunidade e aumenta a interação entre ambos.

Sendo assim, para conhecer os fatores potenciais que influenciam o desenvolvimento das práticas de cadeias alimentares curtas, identificou-se que os fatores potenciais estão alicerçados em temáticas voltadas para o produtor, o consumidor, as questões ambientais e aos mercados de venda direta.

Para o produtor os fatores potenciais das cadeias curtas estão na oportunidade atrativa para a diversificação da produção, maior satisfação pela prática agrícola, habilidades empresariais inovadoras, reduz o custo do transporte e garantia de rendas mais estáveis. Para os consumidores os fatores potenciais das cadeias curtas proporcionam saúde em termos de dieta, qualidade nutricional, confiança, educação efetiva do consumidor, relacionamentos sólidos entre produtores e consumidores, geração de emprego e preços baixos.

Para o meio ambiente os fatores potenciais das cadeias curtas estão na redução do uso de embalagens de alimentos, favorecimento na recuperação de cultivares e na redução no uso de insumos externos. As cadeias curtas diante do mercado de venda direta, proporciona facilidade em atender a demanda de alimentos, maior valor agregado ao produto, alcançam os consumidores por atacados, possui eficiências econômicas e logísticas na cadeia de suprimentos, viabilidade da atividade para pequenas e médias fazendas familiares, maior distribuição de poder e valor econômico entre todos os atores envolvidos, capacidade de

recuperar o poder de mercado frente à produção convencional, menos dependência de circuitos controlados por atacadistas e compradores, melhora a rastreabilidade e a qualidade do produto.

Para estudos futuros, sugere-se identificar os fatores que dificultam ou impedem o desenvolvimento das cadeias alimentares curtas. Em relação à limitação desta pesquisa, considerou-se o uso de apenas duas bases de dados, no entanto, as escolhidas são de relevância e importância para o mundo acadêmico.

## REFERÊNCIAS

- AGGESTAM, Vivianne; FLEI?, Eva; POSCH, Alfred. Scaling-up short food supply chains? A survey study on the drivers behind the intention of food producers. **Journal of Rural Studies**, v. 51, p. 64–72, 2017.
- AGUIAR, Luane C.; DELGROSSI, Mauro E.; THOMÉ, Karin M. Short food supply chain: characteristics of a family farm. **Cienc. Rural**, v. 48, n. 5, p. 1-8, 2018.
- BELLIVEAU, Suzanne. Resisting global, buying local: **Goldschmidt revisited**, v. 12, n. 1, p. 44–53, 2005.
- BENEDEK, Zofia; BALÁZS, Balázs. Current status and future prospect of local food production in Hungary: a spatial analysis. **European Planning Studies**, v. 24, n. 3, p. 607–624, 2016.
- BERTI, Giaime; MULLIGAN, Catherine. Competitiveness of small farms and innovative food supply chains: The role of food hubs in creating sustainable regional and local food systems. **Sustainability (Switzerland)**, v. 8, n. 7, p.1-32, 2016.
- BIMBO, Francesco et al. The hidden benefits of short food supply chains: Farmers' markets density and body mass index in Italy. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 18, n. 1, p. 1–16, 2015.
- BLASI, Emanuele et al. Alternative food chains as a way to embed mountain agriculture in the urban market: the case of Trentino. **Agricultural and Food Economics**, v. 3, n. 1, p.1-13, 2015.
- CASSOL, Abel; SCHNEIDER, Sergio. Produção e Consumo de Alimentos : novas redes e atores. **Lua Nova (online)**, n. 95, p. 143–177, 2010.
- CONNER, David S.; CAMPBELL-ARVAI, Victoria; HAMM, Michael W. Value in the values: Pasture-raised livestock products offer opportunities for reconnecting producers and consumers. **Renewable Agriculture and Food Systems**, v. 23, n. 1, p. 62–69, 2008.
- CRONIN, Patricia; RYAN, Frances; COUGHLAN, Michael. Undertaking a literature review: a step-by-step approach. **British Journal of Nursing**, v. 17, n. 1, p. 38–43, 2008.

DAROLT, Moacir R.; LAMINE, Claire; BRANDENBURG, Alfio; ALENCAR, Maria C. F.; ABREU, Lucimar S. Redes alimentares alternativas e novas relações produção-consumo na França e no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 1-22, 2016.

DOS ANJOS, Flávio S.; CALDAS, Nádia V. The dynamics of short food supply chain: The case of the campanha amiga project in Italy. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 771–789, 2017.

DUARTE, STHEFANE. C. L.; THOMÉ, KARIM. M. Short food supply chain: estado da arte na academia brasileira. **Estud. Soc. e Agric.**, v. 23, n. 2, p. 315-340, 2015.

DUPRÉ, Lucie; LAMINE, Claire; NAVARRETE, Mireille. Short Food Supply Chains, Long Working Days: Active Work and the Construction of Professional Satisfaction in French Diversified Organic Market Gardening. **Sociologia Ruralis**, v. 57, n. 3, p. 396–414, 2017.

ELGHANNAM, Ahmed; ESCRIBANO, Miguel; MESIAS, Francisco. Can social networks contribute to the development of short supply chains in the Spanish agri-food sector? **New Medit**, v. 16, n. 1, p. 36–42, 2017.

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). A Relocalização e o Mercado de Cadeias Curtas na Pecuária Familiar do Território Alto Camaquã no Sul Do Rio Grande Do Sul, 2014. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/113428/1/Artigo-7-EEG-Matte-et-al.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

EUGENIO, Demartini; ANNA, Gaviglio; ALBERTO, Pirani. Farmers' motivation and perceived effects of participating in short food supply chains: evidence from a North Italian survey. **Agricultural Economics (Zemědělská ekonomika)**, v. 63, n. 5, p. 204–216, 2017.

FILIPPINI, R. et al. Is the choice of a farm's commercial market an indicator of agricultural intensity? Conventional and short food supply chains in periurban farming systems. **Italian Journal of Agronomy**, v. 11, n. 1, p.1-5, 2016.

FRANZONI, Gabriel B. ; DA SILVA, Tania Nunes. Inovação Social e Tecnologia Social: o caso da Cadeia Curta de Agricultores Familiares e a Alimentação Escolar em Porto Alegre/RS. **Desenvolvimento em Questão**, v. 14, n. 37, p. 353, 2016.

GIAMPIETRI, E. et al. A Theory of Planned behaviour perspective for investigating the role of trust in consumer purchasing decision related to short food supply chains. **Food Quality and Preference**, v. 64, p. 160–166, 2018.

HERGESHEIMER, Christopher.; WITTMAN, Hannah. Weaving chains of grain. **Food, Culture & Society**, v. 15, n. 3, p. 375–393, 2012.

ILBERY, Brian et al. Forecasting food supply chain developments in lagging rural regions: Evidence from the UK. **Journal of Rural Studies**, v. 20, n. 3, p. 331–344, 2004.

KIZOS, Thanasis ; VAKOUFARIS, Vakoufaris. What is the extent of short food supply chains in greece? Evidence from the cheese supply chains in the North Aegean Region. **International Journal of Agricultural Resources, Governance and Ecology**, v. 9, n. 1–2, p. 48–67, 2011.

LEVIDOW, Les; BIRCH, Kean; PAPAIOANNOU, Theo. EU agri-innovation policy: Two contending visions of the bio-economy. **Critical Policy Studies**, v.6, n.1, p. 40-65, 2012.

LEVIDOW, Les; PSARIKIDOU, Katerina. Food relocalization for environmental sustainability in Cumbria. **Sustainability**, v. 3, n. 4, p. 692–719, 2011.

MARSDEN, Terry; BANKS, Jo; BRISTOW, Gillian. Food Supply Chain Approaches: Exploring their Role in Rural Development. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 4, p. 424–438, 2000.

MASTRONARDI, Luigi et al. Exploring the role of farmers in short food supply chains: The case of Italy. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 18, n. 2, p. 109–130, 2015.

MUNDLER, Patrick; LAUGHREA, Sophie. The contributions of short food supply chains to territorial development: A study of three Quebec territories. **Journal of Rural Studies**, v. 45, p. 218–229, 2016.

RAYNAL, Jean Claude; RAZAFIMAHEFA, Lala. Prospective territoriale dans le cadre de projets sociaux et solidaires: Analyse de l'émergence des AMAP au sein des bassins de vie ruraux en France. **Territoire en Mouvement**, n. 22, p. 21–39, 2014.

RENTING, Henk; MARSDEN, Terry K.; BANKS, Jo. Understanding alternative food networks: Exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environment and Planning A**, v. 35, n. 3, p. 393–411, 2003.

ROUGET, Nicolas; LESCUREUX, Frédéric; HEUDE, Jackes; SCHMITT, Guillaume; PFIRSCH, T. Innovations in ways to provide food for towns: How newcomers in the supermarket sector are innovating in short food supply chain practices? (O'Tera in Nord-Pas-de-Calais, Northern France). **Annales de Géographie**, v. 2016, n.712, p. 642-665, 2016.

ROSS, Nancy J. How civic is it? Success stories in locally focused agriculture in Maine. **Renewable Agriculture and Food Systems**, v. 21, n. 2, p. 114–123, 2006.

SCHNEIDER, Sérgio; FERRARI, Dilvan Luiz. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na Agricultura Familiar – o Processo de Relocalização da Produção Agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 17, n. 1, p. 56–71, 2015.

TRICHES, Rozane M. SCHNEIDER, Sergio. Feeding, Agrifood System, and Consumers: New Connections for Rural Development. **Cuad. Desarro.Rural**, v. 12, n. 75, p. 55-75, 2015.

TUDISCA, Salvatore et al. Role of alternative food networks in Sicilian farms. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v. 22, n. 1, p. 50, 2014.

TULLA, Antoni F. et al. New approaches to sustainable rural development: Social farming as an opportunity in Europe? **Human Geographies**, v. 11, n. 1, p. 25–40, 2017.

YUNA, Chiffolleau; SARAH, Millet-Amrani; ARIELLE, Canard. From Short Food Supply Chains to Sustainable Agriculture in Urban Food Systems: Food Democracy as a Vector of Transition. **Agriculture**, v. 6, n. 4, p. 57, 2016b.



**Artigo recebido em:** 02/11/2018

**Artigo aprovado em:** 13/02/2019

**Artigo publicado em:** 22/03/2019